

---

## **A Infância no MST: Um Olhar Etnográfico do Documentário “Encarnado” no Assentamento Zumbi dos Palmares, em Marí, Paraíba<sup>1</sup>**

Igor Tiago Batista LEITE<sup>2</sup>  
Elaine Inocência CAMPÊLO<sup>3</sup>  
Luís Custódio da SILVA<sup>4</sup>

Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

### **Resumo**

Este artigo apresenta sob um olhar etnográfico a experiência dos produtores do documentário “Encarnado”, filmado e produzido no assentamento Zumbi dos Palmares, na cidade de Marí, interior da Paraíba. Abordando a infância do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, o filme retrata questões fundamentais e realidade da vida dos sem-terrinha. O contato com a escola, com o movimento e com a terra e suas perspectivas de vida, bem como os valores que lhes são repassados. O objetivo do documentário era retratar a realidade de um acampamento pelo olhar das crianças. Dar voz a um grupo que nitidamente tinha uma bagagem de vivências, possibilitou e possibilita trocas ricas em cultura e simbolismo, dando oportunidade também ao telespectador, de dirigir seu olhar e captar sua imersão.

### **Palavras-chave**

Documentário; Etnografia; MST;

### **Introdução**

O presente texto traz, em uma linguagem referencial, o relato de experiência dos produtores do documentário “Encarnado”, gravado no Assentamento Zumbi dos Palmares, na cidade de Marí, na Paraíba. A ideia do projeto nasceu do interesse dos alunos envolvidos, acerca do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra e sua relação com a pedagogia social, na disciplina de Documentário Audiovisual, ministrada pelo Mestre Professor Kleyton Canuto. Depois de uma experiência anterior no 28º Encontro Estadual do MST na Paraíba, a equipe sentiu a necessidade e curiosidade de adentrar nessa nova realidade, tendo em vista que foi o primeiro contato com o movimento. Também houve a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ06 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, email: [igorbatistajornalista@gmail.com](mailto:igorbatistajornalista@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Jornalismo da UEPB, email: [elainecampelo397@gmail.com](mailto:elainecampelo397@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UEPB, e-mail: [custodiolcjp@uol.com.br](mailto:custodiolcjp@uol.com.br)

---

necessidade de além de conhecê-la, grava-la para repassar a outras pessoas e tentar ao máximo compartilhar o nosso contato e trocas simbólicas com o MST

O relato etnográfico é válido pois, a partir desse encontro do estudioso com a vida cotidiana, através de uma perspectiva sistemática e subjetiva, o pesquisador pode possibilitar a co-construção de diferentes conhecimentos por diferentes sujeitos, imerso em variados contextos. Com esse recurso descritivo relataremos o nosso contato com essa realidade e com o cotidiano desse grupo. Retratar a vida de famílias e mais precisamente de crianças foi o objetivo do filme, mas tínhamos em mente que inicialmente precisávamos entender melhor como se dava o desenvolvimento físico e social desta infância. Para estudar o sujeito era necessário conhecer previamente seu contexto e sua construção, pois só através da sua história que poderíamos fazer uma interpretação cristalina.

Os sem-terra, filhos dos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), têm despertado a curiosidade de muitas pessoas, tendo em vista o certo estereótipo, construído em parte pela mídia, que o movimento carrega. Para isso fomos movidos a algumas perguntas prévias, como: Quem são as crianças do MST? Como vivem? Como funciona sua educação e vida escolar? Quais os valores lhes são repassados? Como é seu contato com a terra e com o movimento? Para esta experiência, escolhemos o assentamento Zumbi dos Palmares, na cidade de Marí, município localizado na microrregião de Sapé, na Mesorregião da Mata Paraibana. O assentamento foi escolhido por ser conhecido por retratar a realidade de luta e busca por direitos, resultado de resistência dos camponeses assentados ao longo da história e suas inter-relações, nos acampamentos de lonas pretas fincadas sob a terra.

Este artigo apresenta uma análise a partir de uma experiência de uma produção independente, que tem como objetivo mostrar a importância das muitas perspectivas e realidades sociais, resultados de um contexto de investigação, que visa aproximar sujeito e objeto. Para isso, como qualquer outro pesquisador, foi preciso que a equipe estivesse disposta a desenvolver outra sensibilidade, ou seja, precisávamos estar disponíveis para rever conceitos e concepções, estabelecendo uma comunicação com a multiplicidade de perspectivas que cercam os membros desta relação, como enfatizam ADORNO E CASTRO (1994).

O documentário é relevante pois através dele se capturam detalhes de uma vivência que poucos investigam ou trazem à tona, uma realidade da infância bem

---

construída e formatada, regida por valores, que muitas vezes são pré-conceituadas. Mostrar como funciona um pouco da rotina de um assentamento ou o que se passa entre os hectares das lutas camponesas é importante tanto para quem é personagem, produtor, quanto para quem participa como espectador, ademais é um processo de integração rico e único.

O curta-documentário trata-se de uma produção observativa de base documental que busca mostrar o processo de construção da infância em um movimento social, trabalhando com crianças de até 12 anos de um acampamento do MST na Paraíba. A análise é baseada numa experiência etnográfica, através da coleta de dados orais nas entrevistas e filmagens que constituem o documentário.

Para a realização das gravações foi necessário 1 diretor, 1 assistente de direção, 1 produtor executivo, 1 responsável pela sonoplastia, 2 cinegrafistas e 2 editores de vídeo. No que diz respeito aos equipamentos e recursos utilizados, pode-se destacar 1 câmera DSRL, 1 microfone lapela, 1 claquete e 3 computadores para a pós-produção, em sua grande maioria advindos da Universidade Estadual da Paraíba, assim como o transporte para locomoção da equipe.

Participaram da produção como personagens 3 adultos - sendo um deles o representante da comunidade e grande conhecedor da luta dos trabalhadores rurais, que nos auxiliou durante os processos de produção no assentamento - e 8 crianças com idades variando entre 8 a 12 anos, a quem acompanhamos a rotina durante o dia.

Uma visita prévia foi marcada com antecedência e exigiu a presença de um terço da equipe, que se dirigiu ao acampamento na data e horário estipulados. O grupo iniciou suas pesquisas na escola do acampamento, onde havia marcado com a diretora do local, esta que contribuiu na mediação e na comunicação entre os produtores e os assentados, o que facilitou a troca de confianças. No momento ela não se encontrava, mas havia deixado o integrante da comunidade para auxiliar os produtores.

De início, houve um contato com os professores - que repassaram um pouco de suas experiências e relataram o contato de seus alunos com o movimento - e posteriormente com as crianças, sendo nesse primeiro contato que a equipe pode analisar e escolher algumas delas para acompanhar no dia das gravações.

A reunião com os adultos permitiu que estes descrevessem seus percursos no movimento desde sua chegada ao local até a “criação” de seus filhos.

---

Após a visita prévia na data marcada, o grupo dirigiu-se ao assentamento com as atividades de produção já planejadas. Por ser em período de aula, as crianças já aguardavam na escola do acampamento. A equipe precisou reunir-se, antes das filmagens, para acertar alguns detalhes que haviam passado despercebidos. Iniciou-se, logo mais, o processo de captação de imagens dentro da própria escola, com os alunos em sala de aula, e fora, quando a equipe acompanhou a volta das crianças para suas respectivas casas.

Nas primeiras horas vespertinas foram gravadas as cenas com uma senhora, avó de algumas daquelas crianças, que narrou sua história e os valores que repassa para seus descendentes. A equipe prosseguiu com a captação de imagens e gravou na lavoura, com os netos daquela senhora, para compreender seu contato com a terra, com a ecologia e com os animais. No final da tarde, as gravações já haviam sido encerradas com os depoimentos e cenas prontamente finalizadas.

Para a finalização da produção, a equipe, em parte, reuniu-se para o processo de edição das filmagens. Ao todo, contribuíram para a edição três integrantes da equipe, com a missão de resumir um contato de um dia inteiro em até dez minutos de duração.

A nossa experiência se iniciou com a procura de um assentamento que se encaixasse no contexto do documentário, assim como o mais próximo, por questões de locomoção e viabilidade. Inicialmente propomos realizar as gravações em Cabaceiras, no Cariri paraibano, porém pela dificuldade de comunicação com alguns moradores, decidimos continuar à procura de outro. Com a ajuda de assentados de acampamentos e pela própria líder do MST na Paraíba, encontramos e contatamos uma representante do Assentamento Zumbi dos Palmares, a mesma tem uma história que como foi notado pela equipe, inspirava a todos e era tida como exemplo de persistência e crescimento profissional, sendo uma assentada com curso superior que coordena a única escola do local.

Já tínhamos um certo conhecimento sobre esse assentamento pois o mesmo carrega muita história das lutas camponesas e com o auxílio da diretora da escola de ensino fundamental conseguimos combinar as datas da pré-visita e das gravações.

### **O assentamento Zumbi dos Palmares: resistência e luta**

A luta pela terra paraibana origina-se no processo de ocupação do espaço pelo colonizador, quando os nativos, que ocupavam todo o território do estado, viram sua

liberdade e suas terras serem ameaçadas e precisaram se opor, sendo a luta dos índios pelo direito à terra e à vida, a primeira forma de conflito agrário na Paraíba (LOURENÇO, 2014).

A concentração das propriedades da terra gerou, ao longo dos anos, uma expressiva desigualdade social, excluindo as minorias ao acesso à terra, e a resistência a isso gerou uma série de conflitos que tinha o objetivo de democratizar o acesso à mesma e de facilitar a permanência dos camponeses na terra (CUNHA, 2011).

Na microrregião de Sapé, na mata paraibana, as Ligas Camponesas formaram o maior movimento de luta pelo espaço agrário no estado, e teve sua origem na década de 1950 com o nome de Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Sapé. O movimento visava a “prestação de assistência social aos arrendatários, assalariados e pequenos proprietários agrícolas (...) bem como a defesa de seus legítimos direitos” (ESTATUTO DA LIGA CAMPONESA DE SAPÉ, apud NOVAES, 1997, p. 39, art I).

Os donos de terras começaram a dificultar as lutas da Liga Camponesa de Sapé, ao se sentirem incomodados quando a associação mostrou um crescimento significativo. Esses latifundiários promoveram atentados violentos contra os camponeses a fim de enfraquecê-los, como o assassinato de João Pedro Teixeira, vice-presidente da Liga Camponesa de Sapé, em 1962, em uma emboscada armada no meio da estrada do município.

Após o atentado, vários camponeses se associaram à liga, que em dois anos, passou de sete mil para dezesseis mil associados, contrariando o objetivo desse ato violento. Elizabeth Teixeira, viúva de João Pedro, assumiu a presidência e continuou na luta pelos direitos trabalhistas.

O movimento enfrentou um outro grande obstáculo em 1964, após a instauração do golpe militar, quando a liga passou a ser considerada como comunista fazendo a perseguição aos camponeses se intensificar. Apenas em meados da década de 1980, que a luta camponesa voltou a ganhar força, com o surgimento do MST na Nova República, onde o governo prometia a almejada reforma agrária no Brasil. De acordo com LOURENÇO (2011), foi a partir daí que as terras abandonadas pelos produtores de cana-de-açúcar começaram a ser ocupadas pelos camponeses.

As Ligas Camponesas da Zona da Mata Paraibana atuaram também no município de Mari, onde a história da luta pela terra foi marcada em 1964, quando um confronto

---

entre pistoleiros e camponeses resultou na morte do presidente do Sindicato de Mari, Antônio Galdino.

No ano de 2000, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra chegou ao município e o primeiro espaço ocupado pelos camponeses organizados pelo movimento foi a Fazenda Gendiroba que resultou na criação do Projeto de Assentamento Tiradentes, onde ficaram 160 famílias. Em seguida, outra ocupação feita pelo movimento foi a Fazenda Cafundó, considerada improdutiva pelo INCRA, por cerca de 60 famílias, dando origem ao Projeto de Assentamento Zumbi dos Palmares (LOURENÇO, 2011). Essa ocupação sofreu represálias por parte dos proprietários, que usaram a pistolagem contra os acampados. Apenas em outubro de 2004, o assentamento foi criado oficialmente.

A pré-visita foi realizada ao assentamento escolhido no dia 22 de maio de 2018. Nesta data saímos às 8 horas da manhã da Universidade Estadual da Paraíba em um veículo cedido pela instituição, com destino à Marí. Ao chegarmos na escola, local de encontro, a diretora não estava presente, mas havia deixado um componente da comunidade, um morador e grande conhecedor da luta dos trabalhadores rurais. Josinaldo, prestativo, nos esperou enquanto conhecíamos as únicas duas turmas do turno diurno, e logo mais nos serviu de guia pelo assentamento.

Foi de fato percebido o empenho dos sem-terrinhos no aprendizado, alocados nas salas simples e com poucos materiais, porém aconchegantes. A irmandade dos alunos e o respeito mútuo prevaleceram, no nosso ponto de vista. Enquanto parte da equipe de produtores conversavam com os educadores para entender os métodos de ensino e como estes se comportam em sala de aula, Andressa, de oito anos, adiantou nosso primeiro contato. A garotinha que cortava umas bandeiras para os festejos juninos, de certa forma serviu de mediação para a comunicação com os demais, que no início estavam tímidos e resguardados, porém, pouco tempo depois já estavam narrando suas aventuras e descobertas na comunidade.



Figura 1: Cena do documentário das crianças em momento de descontração.

Na escola, simples, mas organizada e acolhedora, há turmas integradas de primeiro e segundo, quarto e quinto ano. Conversamos com os dois professores do turno, que nos contaram um pouco de suas experiências e o contato de seus alunos com o MST, além de nos explicar a grade curricular que ensinam. Eles nos revelaram que os alunos têm uma educação relacionada ao movimento, juntando o ensino com suas realidades, entretanto, isso ainda precisa ser melhorado. Os estudantes, quando passam do 5º ano precisam se deslocar para a zona urbana da cidade ou para a escola base no Assentamento Tiradentes, um pouco próximo de lá. Com o auxílio de um ônibus da prefeitura, os alunos são levados à outra escola, esta por sua vez tem um ensino e grade curricular próprio do MST.



Figura 2: Cena na sala de aula da escola do assentamento.

Além dos métodos pedagógicos, com cartilhas de alfabetização próprias do movimento, a instituição tem mais estrutura e mais educandos. Ao ouvir alguns

depoimentos, observamos que há pais que sentem receio ou medo em saber que seu filho precisa ir para outra escola, não pela instituição em si, mas pelo fato da criança ou adolescente precisar ir estudar na cidade, sendo assim, uma quebra de realidade. Muitos pais temem, pois acreditam que na zona urbana há perigos, como drogas e más companhias.

Em um momento de descontração com as crianças, elas nos contaram um pouco de suas histórias. De início estranharam nossa presença, mas logo se “soltaram”. A professora juntamente com a equipe, indagou aos alunos, se eles plantam ou mexem com a terra, com quem aprenderam, e se gostam disso. A grande maioria da turma afirmou que os familiares é quem os ensinam como plantar, sendo na maioria das vezes, mandioca, feijão e milho. Um dos alunos exclama: “cava o buraco, coloca três caroços de milho e enterra”, outro diz que já tira leite da vaca e cuida de outros animais. Todos falaram com muito entusiasmo da prática, provando assim, que eles são ensinados, mas não obrigados.



Figura 3: Crianças interagindo na aula de matemática.

Tivemos um bate papo com “Gordinha” (apelido de uma moradora da comunidade) e Josinaldo que nos falaram dos seus percursos no movimento, sua chegada no local e a criação de seus filhos. Fomos apresentados à filha da cozinheira da escola, que tem 15 anos e está no ensino médio. Foi questionado o seu contato com a educação, e ela afirmou que a principal dificuldade nos estudos da maioria dos jovens do local é o transporte, que às vezes falta e compromete a presença deles.

Conhecemos Ruan (15), parente da cozinheira, um jovem assentado que possui deficiência auditiva. Debruçado na varanda, desenhava com muita criatividade suas ilustrações com riqueza de detalhes, enquanto esperava o ônibus da escola. Em conversa



---

com sua mãe, ela nos contou que o filho ficou nesta condição após uma convulsão, quando estava nascendo sua primeira dentição. Não nega o talento de Ruan e confirma que o lápis e papel são o mundo do seu filho, é assim que ele escuta a realidade em que está inserido.

Os assentados nos mostraram as plantações, algumas casas e nos explicaram como vivem, como é feita a organização dos trabalhos no assentamento, qual a agricultura de subsistência e como o funciona o saneamento da localidade.

Após a visita ao assentamento decidimos realizar uma reunião com a equipe para repassarmos algumas noções básicas do movimento e para compartilharmos nossas experiências na visita prévia com o restante.

No dia das gravações, chegamos ao assentamento ainda pela manhã, fomos à escola onde estava havendo aula, para revermos as crianças que conversamos na pré-visita, enquanto gravamos algumas cenas. As crianças estavam cortando papéis e pintando bandeirinhas para decorar a escola no período junino. Na lousa, como foi notado também na pré-visita, as atividades traziam muitas coisas da realidade do aluno, como animais que eles têm contato, e orgânicos que plantam e se alimentam, o que facilita no entendimento do conteúdo, por se tratar de coisas que os alunos conhecem e têm domínio, contrapondo a educação burguesa.

Após às onze horas, as crianças estavam liberadas e poderiam voltar para casa. Notou-se o companheirismo delas, que ajudavam os amigos a arrumar as mochilas e o comprometimento de acompanhá-los até em casa. Se reuniram na frente da escola, oferecendo ao colega uma carona nas bicicletas ou mesmo suas mãos. A cena captada pela equipe era de crianças com as mãos dadas, abraçadas e rindo diante dos acontecimentos do dia. Combinamos de nos encontrarmos, após elas se alimentarem, para um momento de brincadeiras e filmagens.

Acompanhamos as crianças em sua volta para casa, conversamos sobre suas rotinas e marcamos uma brincadeira com algumas delas. Pedimos a autorização de uso de imagem aos pais e responsáveis dos menores. Alguns moravam um pouco mais afastados, mas a equipe se dividiu e a logística funcionou. Conhecemos a família da Andresa, Cauã, Cauê, Caio, Natielly, Miguel e Diego.



Figura 4: Cena da volta para casa.

Às 13 horas tínhamos gravado apenas uma cena com seus vários *takes*, paramos para bater um papo com os moradores, e logo seguimos o roteiro. Como no roteiro técnico, achamos interessante analisar o conhecimento das crianças sobre a terra. Dona Severina, avó de algumas crianças do local, nos contou do seu sentimento. Ela disse estar em paz em ver as crianças perto dela, em segurança. Enquanto conversava conosco, os netos se aproximavam, ainda tímidos. Alguns ainda não conhecíamos. Ela criou os filhos, e hoje, alimenta mais ou menos 8 netos, desses, acompanhamos três desde a escola. Ao ser questionada sobre os valores, Severina fala com convicção:

“Eu gosto que eles aprendam e eu gosto que eles saibam de onde foi que arrumaram o leite, que arrumaram o feijão, que arrumou o ovo para comer, que arrumou a galinha para comer. Eu gosto que saibam, eu gosto que entendam isso aí. Eu sempre gostei disso.” (Severina da Silva, avó de crianças da comunidade)

Ela nos contou que quando as crianças estão com mais ou menos cinco anos, já começam ir para o “roçado” atrás dos pais e vão crescendo nesse estilo de educação. Sua neta Natiely aos cinco anos, quando via sua família plantar maniva, já queria plantar também. Plantava sentada, mas fazia questão de participar. Enfatiza que não explora os menores, mas que eles mesmos gostam de estar com o grupo na lida e na luta.



Figura 5: Natiely e Diego colhendo frutas.

Pedimos autorização à dona Severina, para filmarmos seus netos na lavoura e ela, além de dar um depoimento sobre sua história, nos autorizou a filmá-los colhendo alguns cereais. Filmamos as crianças na lavoura, tendo como protagonista o Miguel de oito anos, que explicava enquanto colhia, como funcionava a colheita e plantação da mandioca. Ele juntamente com seus colegas, nos apresentou seus animais com muito entusiasmo, como: porcos, galinhas e cachorros, nos contando sua relação e cuidado para com eles. Às cinco horas encerramos as cenas e nos despedimos dos grandes personagens reais desse documentário.



Figura 6: Colheita de grãos na plantação local.

## Considerações finais

---

A reivindicação dos territórios pelo MST sempre foi uma luta conjunta da família. As crianças sempre estiveram presentes nesse combate, desde as ocupações de latifúndios até os despejos comandados pelos proprietários das terras ocupadas, como afirmaram os assentados nos dias das gravações, citando como exemplo, a conquista do ano de 2001 da Fazenda Cafundó, que originou o projeto do atual assentamento Zumbí dos Palmares. Tais atos incentivam as crianças a serem protagonistas na luta por direitos como a terra e a escola, assim como os incentiva a refletir sobre seu lugar e papel na sociedade

Os sem terrinha do assentamento demonstraram grande conhecimento sobre os elementos que os rodeiam. Sabem como semear e fazer a colheita, como ordenhar os animais, e conhecem cada canto do acampamento, e ousam brincar e serem livres no seu espaço.

Em relação ao movimento, as crianças desse assentamento, em específico, são participativas em alguns eventos como a “Ciranda Infantil” e encontros nacionais direcionados a este grupo, como o “Encontro Nacional dos Sem-Terrinha” que ocorreu em Brasília, tendo duas crianças do acampamento, como integrantes.

Muitas dessas crianças sabem o contexto que estão inseridas, porém muitas delas ainda não construíram sua formação ou não possuem consciência do lugar que ocupam, sendo algo comum, já que se tratam apenas de crianças, com idade variando entre 8 e 12 anos, que ainda estão construindo seu senso de mundo.

Na questão dos valores que lhes são repassados, ouvimos muito de seus pais argumentos a favor da formação escolar, ou seja, pais que viam como algo muito importante a presença e o desenvolvimento dos seus filhos no ambiente escolar. Em muitos momentos, notamos um grande incentivo para que seus filhos concluíssem o ensino básico e se tornassem adultos com educação superior, como argumentou o representante da comunidade, enquanto seu filho ouvia atentamente suas palavras:

“Um dia quando você chegar a se formar, não vá dizer que a agricultura não vai servir. Que você pode ser um médico, pode ser um engenheiro, pode ser o que for e não esquecer do campo. Isso, a gente como pai dentro do nosso assentamento, é essa a forma com que nós trabalhamos com nossos filhos. Dizer ‘Não, o meu pai trabalhou a vida toda e não passou de uma blusa’, mas você com o seu estudo pode ser alguém na vida, além de um agricultor, ser uma pessoa formada, assim como pode ganhar tanto dentro da sua formação e como dentro da agricultura, que você não pode esquecer, que vêm de raízes e raízes.” (Depoimento de Josinaldo da Silva, líder comunitário do assentamento)

---

Por se tratar de um ambiente rural, as crianças sempre estão rodeadas da fauna e da flora local. A infraestrutura do local é totalmente de barro, não existe nenhum tipo de calçamento ou algo que remeta à zona urbana. Afastada do centro urbano, a comunidade é composta por pequenas casas na sua maioria com alpendres, sendo estas um pouco distante uma das outras, apesar disso, todos os assentados se conhecem e convivem em harmonia.

Aparentemente a realidade da maioria é bem estruturada. Eles têm família que participam ativamente na luta, como também tem família que não se dedica tanto ao movimento. Notamos que eles têm tudo que uma criança necessita: comida (algumas orgânicas e outras industrializadas), roupas, uma casa adequada e escola. Acompanham os pais na colheita e refletem os valores repassados pela família e pelo movimento. Algumas crianças vivem de forma um pouco mais simples, pois estão alocadas ainda em casas de taipa e embaixo de lonas, quase no fim da comunidade, mas pelo que ouvimos são recém-chegados ao local e suas famílias ainda estão se estabilizando.

Grande parte da equipe demonstrou a quebra de seus estereótipos relacionados ao MST. A relação das crianças conosco foi forte e espontânea, sendo estes o mestre do enredo e nós os alunos daquela realidade. Foi nítido o espírito de liberdade que as crianças apresentam e vivem, são livres e responsáveis, dedicados e respeitadores, resultado da educação e valores que lhes são repassados pela família e escola.

### **Referências bibliográficas**

CUNHA, J.G. **Análise do processo de formação e produção do Assentamento Zumbi dos Palmares, Mari – PB.** 2011. 43p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Licenciatura em Geografia, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2011.

DALMOLIN, Bernadete Maria. **Esperança equilibrista:** Cartografia de sujeitos em sofrimentos psíquicos. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. 214 p.

LOURENÇO, N.S. **Da concepção de cooperação do MST à sua materialização no assentamento Zumbi dos Palmares – Mari/PB.** 2014. 123p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.